

O pioneiro dos pioneiros

Reprodução do livro *História de Brasília*

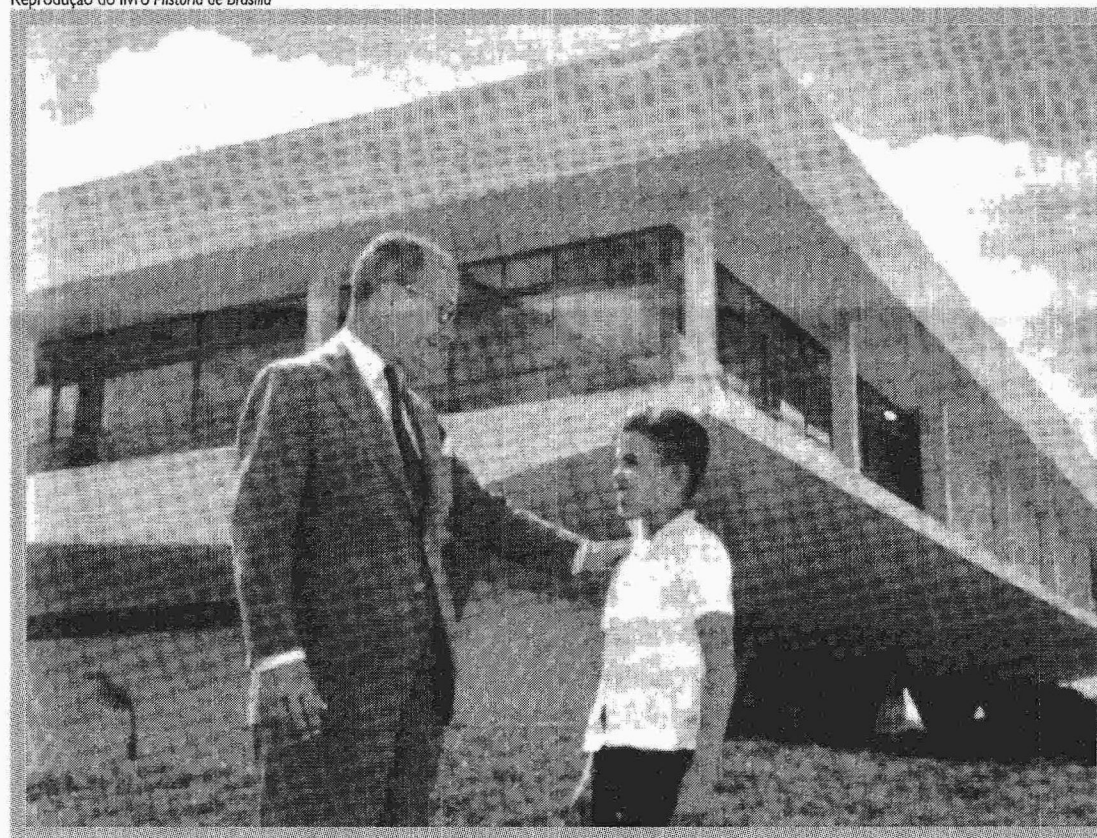
STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Ele é a própria definição da palavra, como já dizia o amigo Juscelino Kubitschek, “o pioneiro é influenciado pela atração da terra. Descobre e fica. É um símbolo que se projeta através de um ânimo de permanência. E do seu rastro, que por um tempo foi efêmero, brotam valores duradouros”.

Ernesto Silva, ex-oficial do Exército, é o pioneiro dos pioneiros que no ano de 1955, a bordo de um *Beechcraft* da Força Aérea Brasileira desembarcou na solidão do Planalto Central, na cidade de Planaltina, ao lado dos marechais José Pessoa e Mário Travassos, para fazer a vistoria de um dos sítios onde seria construída a nova capital. De Planaltina, na presença das autoridades e dos olhares curiosos de estudantes e professores, subiram num jepe e embrenharam cerrado adentro pela precária estrada que levava a Luziânia.

No meio do caminho, alcançaram o ponto mais alto do sítio Castanho — como fora denominado um dos cinco sítios candidatos à sede da capital federal e onde atualmente se encontra erguido o Cruzeiro. “Aqui é a verdadeira pedra fundamental de Brasília”, afirmou o visitante. A emoção tomou conta da comitiva, que dali avistara um azul ja-



mais visto e um horizonte infinito. A sensação de insignificância só não era maior que a “amplidão do céu azul do planalto fascinante”. “O marechal não pôde conter a admiração e não acreditava haver outro local tão adequado e belo para a construção da capital”, acrescenta.

Para a alegria de Ernesto Silva, então secretário da Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil, dois meses depois o local era escolhido como o melhor para a construção da cidade. Isso depois da análise rigorosa de uma série de critérios como o clima, a topografia, a disponibilidade de água, a paisagem atraente,

a facilidade de acesso, a existência de materiais de construção, a facilidade de desapropriação, dentre outros.

A mudança do pioneiro para a região, um ano depois, em 1956, fez acelerar o processo de construção da cidade. Morando no Catetinho, Ernesto foi nomeado por Juscelino presidente da Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital. Após deixar o cargo de secretário da Comissão de Localização, ele providenciou o lançamento do edital do concurso do Plano Piloto em setembro do mesmo ano.

A abertura das 26 propostas

com a escolha do júri pelo projeto de Lucio Costa — considerado o único plano para uma capital administrativa do Brasil — e o convite ao pioneiro para presidir a Novacap foram o pontapé inicial para a empreitada, quando então “as máquinas começaram a rasgar o Plano Piloto”. Era o início da grande epopéia.

Lembranças

O médico pediatra, formado pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, era também fiel companheiro do presidente Juscelino. Como único “conhecedor dos segredos da região e dos trabalhos já elaborados”, acompanhou JK e

ERNESTO EM FRENTE À PRIMEIRA ESCOLA-PARQUE DA 307/308, INAUGURADA EM 21 DE ABRIL DE 1960

sua comitiva — formada por Bernardo Sayão, José Ludovico, João Milton Prates e Lúcio Meira — em sua primeira visita a Brasília em outubro de 1956, quando aproveitaram para dar uma esticadinha até uma tapera próxima ao Catetinho. “Lá tomamos um cafezinho cercados de leitões e galinhas”, recorda com alegria. A fazenda, localizada no Gama, ainda continua de pé e “é mais histórica que o próprio Catetinho”.

Para desembarcar na cidade, o presidente utilizou a pista do aeroporto provisório — construído pelo governo de Goiás —, onde hoje está a rododferroviária. “Ao lado da pista funcionava a estação de passageiros, uma casinha de sapé, onde os visitantes passavam assim que desembarcavam”, lembra o médico morador do Riacho Fundo.

Logo na chegada, os visitantes podiam avistar, do alto, em letras graúdas, o nome da futura capital, Vera Cruz. Escrito numa espécie de mármore, em alto-relevo, o nome foi uma sugestão do marechal Pessoa através de um ofício ao presidente da República. Para o oficial, o nome fazia jus ao passado colonial brasileiro.

Apesar de passar boa parte do tempo ao lado de Juscelino, o ex-presidente da Novacap ressalta que o contato entre eles era “apenas profissional”, de muito respeito e admiração. “Sou muito agra-

ta da escolha do local onde seria construída a nova capital. Em 1955, ele conhecer os sítios mais adequados para a construção e influenciou nesta escolha

ERNESTO E SÔNIA SE ORGULHAM DA CIDADE QUE AJUDARAM A CONSTRUIR

decido a ele por ter me confiado a administração da construção da cidade”, declara o carioca de origem humilde. “O destino foi muito generoso comigo”, acrescenta.

Sempre bem humorado, Ernesto, hoje com 89 anos, guarda boas lembranças do início da construção de Brasília e alguns fatos cômicos que faz questão de lembrar. Segundo ele, aparecia sempre muita gente para pedir trabalho na Novacap, quando num desses dias apareceu um rapaz oferecendo seus serviços. “Perguntamos o que ele sabia fazer, ele respondeu. Entendemos que ele era topógrafo e entregamos a ele um teodolito — instrumento de medição. No outro dia, recebemos uma reclamação de que ele não conseguia fazer o serviço. Então pedimos que comparecesse ao meu escritório”, lembra o funcionário da Novacap. Foi então que Ernesto questionou a afirmação do rapaz de que era bom de serviço. “Só aí descobrimos que na verdade ele era um tipógrafo e não um topógrafo”, recorda desconcertado o pioneiro.

Educação

Responsável pelo departamento social da Novacap, Ernesto sempre defendeu a idéia de um sistema de ensino de vanguarda para uma cidade também moderna. Para isso, encomendou ao “papa da educação no Brasil” — o educador Anísio Teixeira — um projeto de educação em tempo integral. “Do cérebro de Anísio e da pena de Lucio Costa, fomos localizando no mapa de Brasília os jardins de infância, as escolas-classe, as escolas-parque...”, lembra o desbravador.

De acordo com o plano, em cada superquadra haveria uma escola-classe, onde seriam ministradas as disciplinas normais, e a cada quatro superquadras haveria uma escola-parque — voltada para a profissionalização do aluno, com objetivo de despertar a vocação de cada um. “Os alunos estudavam em uma escola pela manhã e em outra à tarde, dessa forma não havia possibilidade de desvirtuar a criança”, garante. “Nessa época não existia nenhuma criança fora da escola”.

Para o médico, a saúde também deveria acompanhar o ritmo de crescimento da cidade. Preocupado com o conforto e a comodidade da população, Ernesto introduziu um plano de saúde público para valorizar os profissionais — ele queria que o médico não fosse apenas um funcionário público — com um salário fixo e outro pró-labore, cujos rendimentos eram de acordo com o número de consultas. Além disso, trabalhavam em tempo integral.

“**DO CÉREBRO DE ANÍSIO (TEIXEIRA) E DA PENNA DE LUCIO COSTA, ÍAMOS LOCALIZANDO NO MAPA DE BRASÍLIA OS JARDINS DE INFÂNCIA, AS ESCOLAS-CLASSE, AS ESCOLAS-PARQUE...**”



Para melhorar a qualidade do atendimento nos hospitais, Ernesto adotou o sistema descentralizado, com um centro de saúde para cada 40 mil habitantes, onde seriam realizadas as consultas simples. Pelo projeto, para os casos mais graves os pacientes deveriam procurar um hospital distrital ou ainda o hospital de base para os casos de extrema urgência.

As quatro décadas de trabalho ininterrupto não foram capazes de “sossegar” o pioneiro, que hoje ainda faz questão de agendar compromissos onde defende e propõe melhorias para a cidade, uma mudança aqui e outra ali em defesa do patrimônio de Brasília.

No apartamento da 105 Sul, onde mora com a esposa Sônia, o autor de *História de Brasília* e *O Militante da Esperança* — que deverá ser lançado no próximo ano —, observa constrangido da janela a invasão das placas publicitárias e as mudanças das características originais do local.

Raio X

Nome: Ernesto Silva
Idade: 89 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1955 (escolha do local) 1956 (com JK)
Profissão: Médico
Esposa: Sônia Silveira
Título: Diretor da Novacap de 1956 a 1961